

O COMPORTAMENTO DO TRAÇO LARINGAL EM LÍNGUAS NAMBIKWÁRA DO NORTE: COMPARAÇÃO ENTRE O LATUNDÊ E O NEGAROTÊ

por Ana Gabriela Braga (UFPE/VU Amsterdã)¹ e Stella Telles (NEI/PPGL/UFPE/CNPq)²

RESUMO

Este artigo compara o comportamento dos traços laringais nas línguas Latundê e Negarotê (família Nambikwára, ramo Nambikwára do Norte), a fim de refletir sobre o seu status fonológico nestas línguas. Os dados analisados foram coletados pelas pesquisadoras durante visitas ao grupo Latundê, TI Tubarão-Latundê, em Vilhena-RO, entre os anos 1997-2001, e ao grupo Negarotê, na TI Lagoa dos Brincos, em Comodoro-MT, no ano de 2013. A literatura disponível sobre outras línguas desta família também foi considerada para a análise. Os resultados, além de ratificar a proximidade entre as línguas, evidenciam o processo de mudança linguística em curso, já sinalizado nas línguas Nambikwára do Norte em estudos prévios (Kingston, 1976; Telles, 2002; Eberhard, 2009).

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia; Traços laringais; Nambikwára; Latundê; Negarotê.

ABSTRACT

This paper compares the behavior of laryngeal features in the Latundê and Negarotê languages (Nambikwára family, Northern Nambikwára subgroup) in order to reflect on its phonological status in these languages. The data analyzed were collected by the researchers during visits to the Latundê group, TI Tubarão-Latundê, at Vilhena-RO, between the years 1997-2001, and to the Negarotê group, TI Lagoa dos Brincos, at Comodoro-MT, in 2013. The available literature on other languages of the family was also considered for the analysis. The results, while corroborating the proximity between these languages, show the process of language change in progress, already signaled in previous studies about the Northern Nambikwára languages (Kingston, 1976; Telles, 2002; Eberhard, 2009).

KEYWORDS: Phonology; Laryngeal features; Nambikwára; Latundê; Negarotê.

1. Doutoranda em Letras (Linguística) pela Universidade Federal Pernambuco e Vrije Universiteit Amsterdam (Co-tutela). Endereço eletrônico para contato: gabibraga@limao.com.br.

2. Doutora em Linguística pela Vrije Universiteit Amsterdam, Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (Linguística) da UFPE, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq nível 2. Endereço eletrônico para contato: stellatelles@hotmail.com.

1. A FAMÍLIA NAMBIKWÁRA

A família linguística Nambikwára, isolada quanto à sua classificação linguística (RODRIGUES, 1986), é constituída de quinze línguas, que podem ser subdivididas em três ramificações, de acordo com o seu grau de proximidade e a localização do território tradicional do seu grupo de fala, conforme mostrado na Tabela 1: Nambikwára do Norte, Nambikwára do Sul e Sabanê. As línguas que fazem parte do mesmo grupo são inteligíveis entre si. As diferenças entre as línguas, embora não interfiram ao ponto de impossibilitar a comunicação entre grupos distintos, servem para fortalecer a identidade do grupo, bem como são importantes marcadores dos membros de cada grupo.

De acordo com Telles (2002), testes de inteligibilidade entre as línguas Latundê e Negarotê e entre Latundê e Lakondê foram realizadas e demonstraram que a compreensão é extremamente contextual, uma vez que as diferenças vocabulares e gramaticais podem comprometer o entendimento mútuo. Além disso, embora reconheçam a proximidade entre as suas línguas, cada grupo étnico assevera a sua diferença de fala em relação aos outros grupos. A autora afirma ainda que estes fatores

conjugados ao fato da não existência de uma língua padrão que regule o contínuo das variedades dialetais da ‘língua Nambikwára do Norte’ – como também acontece com a ‘língua do Sul’ – e a consciente heteronímia dos grupos, por parte deles próprios, com as quais os grupos se impõem étnico e politicamente frente aos demais grupos indígenas e, sobretudo, frente ao mundo ocidental que os cerca e os domina, parecem argumentos fortes o suficiente para considerar cada dialeto do Norte como línguas per se. (TELLES, 2002, p.28)

Tabela 1. A família Nambikwára

Nambikwára do Sul	Nambikwára do Norte	Sabanê
1. Hahãintesú 2. Alãntesú 3. Waikisú 4. Wasúsu 5. Kithãulhú 6. Saxuentesú 7. Halotesú 8. Wakalitesú 9. Siwxaisú 10. Nesú	1. Latundê 2. Lakondê 3. Mamaindê 4. Negarotê	1. Sabanê

Das línguas mostradas na Tabela 1, apenas o Kithãulhú (Nambikwára do Sul), o Mamaindê, o Latundê, o Lakondê (N. do Norte), e o Sabanê dispõem de descrição. É a partir destes registros que podemos apresentar generalizações tipológicas sobre a família Nambikwára.

2. O RAMO NAMBIKWÁRA DO NORTE

As línguas sobre as quais versam o nosso estudo, Latundê e Negarotê, fazem parte do ramo Nambikwára do Norte, do qual fazem parte também as línguas Mamaindê, falada por aproximadamente 200 indivíduos do grupo de mesmo nome, e Lakondê que embora não constitua mais um grupo autônomo, resiste ainda na memória da sua última lembradora.

Historicamente, os Nambikwára se organizavam em grupos pequenos, que se subdividiam com frequência. Eram predominantemente coletores e se deslocavam sazonalmente em busca por locais que fornecessem melhor condição de subsistência. O contato violento entre os brancos e os índios, marcadamente, desde o início do século XX, e as epidemias levadas pelos não índios podem explicar o desaparecimento prematuro de alguns grupos Nambikwára e a sobrevivência com poucos membros de outros grupos que resistiram.

Os primeiros contatos do grupo Negarotê com os não índios ocorreram entre as décadas de 1920 e 1930, quando descendentes de ex-escravos foram levados à região do Vale do Guaporé – território tradicional Nambikwára do Norte – para participar da extração da borracha. Por volta dos anos 1970, o grupo foi transferido para a Reserva Nambikwára, onde já viviam índios das etnias do Sul e alguns Mamaindê que haviam sido realdeados. Menos de um ano após a mudança, os Negarotê abandonaram a Reserva e retornaram ao seu território original, onde vivem até hoje. A Terra Indígena Reserva Vale do Guaporé, na cidade de Comodoro – MT, é também habitada por índios da etnia Mamaindê, com quem os Negarotê mantêm uma relação muito próxima, social e linguisticamente. Embora em um espaço contíguo, cada um desses grupos tem o seu espaço tradicional na reserva e afirma a sua própria identidade.

Atualmente, o grupo Negarotê é formado por 140 membros, subdivididos em cinco aldeias. A língua Negarotê é ainda falada por todos os membros do grupo, que, via de regra, comunicam-se em Português apenas com não-índios. Parte dos membros do grupo, majoritariamente formada por pessoas mais velhas, ainda é monolíngue na sua língua tradicional.

O grupo Latundê só foi conhecido por outros grupos da região e pelos órgãos oficiais – Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e instâncias governamentais do estado de Rondônia, ao final dos anos 1970. A explicação do isolamento desse grupo com relação aos demais Nambikwára está presente na memória oral dos mais velhos, segundo os quais o grupo saiu da proximidade dos parentes fugindo do ataque de outros Nambikwára e dos índios Cinta Larga, de quem eram inimigos tradicionais. A Terra Indígena Tubarão-Latundê, área habitada pelos Latundê, atualmente e onde eles foram contatados pela FUNAI em 1978, fica geograficamente mais distante dos territórios habitados tradicionalmente pelos grupos Nambikwára do Norte. Neste local, o grupo ficou isolado, convivendo com grupos linguisticamente mais distantes, Nambiwára do Sul e Sabanê.

Até o ano de 2001, o grupo Latundê era formado por 23 indivíduos, pertencentes a duas famílias nucleares. Destes, apenas sete nasceram antes do contato com os não índios. Em 2011, restavam menos de 20 pessoas na aldeia³.

3. Comunicação pessoal em abril de 2012 com Hein van der Voort.

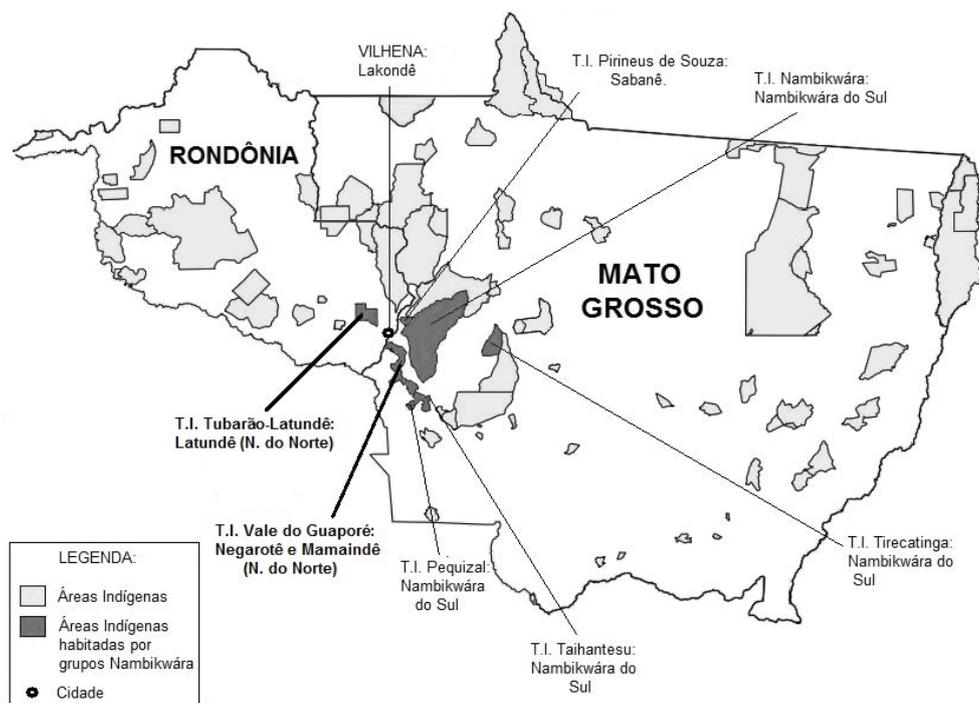


Figura 1: Localização atual dos grupos Nambikwára. Mapa adaptado de Braga (2012)

Os dados utilizados neste trabalho foram coletados *in loco* junto a falantes das línguas Latundê e Negarotê, pelas pesquisadoras Stella Telles e Ana Gabriela Braga, respectivamente. As visitas ao Latundê ocorreram entre os anos de 1997 e 2001, e resultaram em mais de 200 horas de registros da língua. As pesquisas com o Negarotê foram iniciadas no ano de 2013, quando ocorreu, até então, a única visita a campo. Na ocasião, foram registradas cerca de 40 horas de gravação. Todos os dados de ambas as línguas foram gravados em áudio digital.

3. ASPECTOS TIPOLÓGICOS DO RAMO NAMBIKWÁRA DO NORTE

As línguas Nambikwára apresentam uma complexidade fonológica e gramatical, sobretudo, no que diz respeito aos aspectos prosódicos e à estreita relação existente entre fonologia e morfologia — fato que as tornam um campo interessante para os estudos na área da Fonologia. Para fazer generalizações tipológicas acerca das línguas do ramo do Norte, utilizamos como base os estudos mais recentes que envolvem aspectos da fonologia destas línguas, quais sejam: para o Latundê, *Fonologia e Gramática do Latundê/Lakondê* (TELLES, 2002); para o Lakondê, *Fonologia e Gramática do Latundê/Lakondê* (TELLES, 2002) e *Fonologia Segmental do Lakondê* (BRAGA, 2012); e para o Mamaindê, *Mamaindê Grammar: a Northern Nambikwára language and its cultural context* (EBERHARD, 2009).

Em nível segmental, as línguas Nambikwára do Norte apresentam inventários vocálicos mais extensos que os consonantais, que podem alcançar um número superior a quinze segmentos fonológicos. Nestas línguas as vogais podem apresentar traços contrastivos nasais e laringais (*creaky voice*), sozinhos ou combinados. Os inventários consonantais, por sua vez, embora sejam menores, apresentam

complexidade, tais como subespecificação dos pontos de articulação e contraste envolvendo os traços laringais, responsáveis por fenômenos como a aspiração, o vozeamento e a glotalização, observados em várias línguas da família.

Em nível suprasegmental, a morfologia e a fonologia operam de maneira conjunta na determinação do acento. As línguas são polissintéticas, ou seja, as palavras podem ser constituídas por vários morfemas, sendo alguns deles com semântica lexical. Como o acento é morfológico, uma mesma palavra pode apresentar mais de um morfema acentuado.

Na família Nambikwára, encontramos línguas tonais e *pitch-accent*, definidas por Hayes (1995, p.49-50) como línguas que “*must satisfy the criterion of having invariant tonal contours on accented syllables, since tone is a lexical property.*” Entre as línguas do ramo do Norte, aparentemente, predomina um sistema misto, no qual coexistem acento e tom. No Mamaindê, o acento envolve a morfologia, a posição e a estrutura da sílaba (EBERHARD, 1995, 2009). Além disso, nesta língua, a princípio, foi relatado com um sistema de quatro tons (KINGSTON, 1976), proposta que mais adiante foi revista com a assunção de um modelo mais econômico, um sistema de dois tons contrastivos (EBERHARD, 2009). A língua Latundê, em estudo prévio, foi considerada *pitch-accent* (TELLES, 2002), entretanto, pesquisa em curso realizada pela mesma autora parece sinalizar para a existência de um sistema misto, com um sistema tonal de dois tons. No caso do Negarotê, cujas pesquisas encontram-se em fase inicial, ainda não é possível fazer afirmações sobre o sistema prosódico.

4. ASPECTOS DA FONOLOGIA SEGMENTAL DAS LÍNGUAS LATUNDÊ E NEGAROTÊ

Os inventários consonantal e vocálico das línguas Latundê e Negarotê são idênticos e podem ser vistos nas tabelas 2 e 3. Nestas línguas as consoantes podem ser classificadas em labial, alveolar, velar e glotal. Diferentemente da língua irmã Mamaindê, em que é relatada a ocorrência de fonemas plosivos aspirados /p^h/, /t^h/ e /k^h/ (EBERHARD, 2009, p.52), nestas línguas, não há consoantes fonológicas com o traço laringal. Entretanto, na superfície, alguns segmentos consonantais podem ser realizados com traços laringais.

Tabela 2: Inventário consonantal Latundê e Negarotê com realizações fonéticas

	Latundê			
	Labial	Alveolar	Velar	Glotal
Plosivas	p [p, b, b̥]	t [t, d, d̥]	k [k, g, g̊, kʔ]	ʔ [ʔ]
Nasais	m [m, ʔm]	n ⁴ [n, bm, dn, gn̥, ʔn]		
Fricativas		s [s, ʃ, tʃ, t ^h , ʔs, ʔʃ]		h [h]
Lateral		l [l, ʔl]		
Glides	w [w]	j [j]		

4. Nas línguas Nambikwára do Norte, a consoante nasal /n/ é subespecificada para o ponto de articulação em posição de coda silábica, condicionada pela vogal ou ditongo que a antecede, podendo ser realizada como labial, [m] e [bm], alveolar, [n] e [dn], e velar, [ŋ] e [gŋ]. Quanto às consoantes pré-orlizadas, são comuns em línguas que apresentam contraste ente vogais orais e nasais, como é o caso das línguas Nambikwára do Norte, e podem ser interpretadas como motivadas pela necessidade de fortalecer esta distinção. (WETZELS, 2009, p.260).

Negarotê				
	Labial	Alveolar	Velar	Glotal
Plosivas	p [p, b, b̥, pʰ]	t [t, d, tʰ, ɾ]	k [k, g]	ʔ [ʔ]
Nasais	m [m, ʔm]	n [n, ɲ, bm, dn, gɲ, ʔn]		
Fricativas		s [s, ʃ, tʃ, ʔs, ʔʃ]		h [h]
Lateral		l [l, ʔl]		
Glides	w [w, ʔw]	j [j]		

O quadro vocálico do Latundê e Negarotê, como é comum às línguas Nambikwára do Norte, é mais extenso que o quadro consonantal. São fonológicas vogais modais orais e nasais e não-modais laringais (*creaky voice*) e laringais nasais.

Tabela 3: Inventário vocálico Latundê e Negarotê

	VOGAIS			VOGAIS LARINGAIS		
	Frontais	Central	Posteriores	Frontais	Central	Posteriores
Altas	i		u	ĩ		ũ
Altas nasais	ĩ		ũ	ĩ̃		ũ̃
Médias	e		o	ẽ		õ
Baixas		a			ã	
Baixas nasais		ã			ã̃	

Embora apresentem na subjacência os mesmos segmentos, na superfície observamos comportamentos distintos entre as línguas Latundê e Negarotê com relação a diversos aspectos. A seguir, apresentaremos uma comparação entre as línguas tendo como foco o comportamento do traço laringal em consoantes e vogais.

5. O TRAÇO LARINGAL: COMPARAÇÃO ENTRE O LATUNDÊ E O NEGAROTÊ

As línguas Nambikwára são fortemente marcadas pela laringalização, que pode ser percebida facilmente na fala dos indivíduos. Registros históricos dessas línguas já apontam a existência do fenômeno. Descrições das línguas Mamaindê (Kingston, 1976; Eberhard, 2009), Nambikwára do Norte, e Kithãulhú (Kroeker, 2001), Nambikwára do Sul, atestam a existência de vogais e consoantes com traço laringal, conforme pode ser visto na tabela 4.

Tabela 4: Inventário de fonemas consonantais do Kithãulhú (Kroeker, 2001) e Mamaindê (Kingston, 1976). Retirado de Telles (2014, p.295)

Kithãulhú	Oclusivas	Plenas	p	t	j	k	kw	x
		Aspiradas	ph	th		kh	kwh	
		Implosiva		ɗ				
		Glotalizadas	px	tx	jx	kx	kwx	
	Continuantes	Nasais	m	n nx				
		Fricativas	f	s sx				h hx
		Líquidas		l lx				
		Glides	w wh wx		y yx			
Mamaindê (Kingston, 1976)	Oclusivas	Aspiradas	p	t		k	kw	x
		Sonoras		d		g	gw	
		Glotalizadas	bx	dx		gx	gxw	
	Continuantes	Nasais	m mx	n nx				
		Fricativas		s sx				
		Líquidas		l lx				
		Glides	w wx		y yx			

Os estudos prévios dessas línguas, incluindo a simplificação do inventário consonantal Mamaindê, com a perda de alguns segmentos laringais, podem nos fornecer pistas para compreender o comportamento do traço laringal nas línguas-irmãs Latundê e Negarotê. Estas línguas não possuem o traço laringal fonológico nas consoantes, mas realizações aspiradas e glotalizadas são recorrentes na superfície, o que pode sinalizar para uma possível mudança diacrônica, cujo resultado pode ter sido a neutralização deste traço nos segmentos consonantais.

De modo distinto, o traço laringal nas vogais das línguas Negarotê e Latundê é distintivo e corresponde à articulação *creaky voice*. Nestas línguas, conforme pôde ser observado na tabela 4, para cada vogal modal, há uma contraparte não-modal também fonológica.

5.1. Glotalização

As línguas Latundê e Negarotê apresentam, além da consoante oclusiva glotal, cujo ponto de articulação é laringal, opcionalmente, consoantes glotalizadas na superfície. O fenômeno da glotalização, no Latundê, pode atingir qualquer consoante, à exceção dos glides. No Negarotê, diferentemente,

a glotalização atinge apenas as consoantes com o traço [+continuante]. A realização glotalizada de uma consoante plosiva foi observada em apenas um morfema, no entanto, neste caso não encontramos variação entre a realização implosiva e a plosiva plena. Os exemplos de dados linguísticos que seguem estão sinalizados com (Ln) para a língua Latundê e (Nn) para a língua Negarotê, sendo *n* o número referente ao exemplo.

a) Oclusivas glotalizadas [b, d, ɟ, kʔ]:

Latundê:

(L1) ['bɑː, nã̃] ~ ['baː, nã̃]
/pan-tan/
“são dois”

(L2) ['dɔː^h, grã̃] ~ ['dɔː^h, grã̃]
/tɔh-ka-tã̃/
“ele procurou”

(L3) ['gĩː, nã̃na] ~ ['gĩː, nã̃na]
/kĩn-tã-ta/
“tem coçado”

(L4) [kʔo'loː, re] ~ [ko'loː, re]
/koloh-te/
“barata”

Negarotê:

(N1) ['bɑːh]
/pah/
“dois”

b) Continuantes pré-glotalizadas

A pré-glotalização em consoantes nasais, /m, n/, pode ocorrer em diferentes situações nas línguas Latundê e Negarotê. Ela é opcional em início de palavra, conforme exemplos (L5), (L6) e (N3). Em Negarotê, este fenômeno ocorre especialmente em fala espontânea, em fronteira de morfema ou palavra. Nesta língua, não há registro em nossos dados de pré-glotalização em início de palavra pronunciada isoladamente.

Latundê:

(L5) ['[?]mãː, ⁿdã̃] ~ ['mãː, ⁿdã̃]
/mã̃n-tã̃/
“está queimando”

(L6) [[?]nã̃, nã̃ñ] ~ [nã̃, nã̃ñ]
/nã̃n-tã̃n-ta/
“tem chorado”

Negarotê:

(N2) ['[?]au[?]ni, ru] ~ ['[?]au[?]ni, ru]
/[?]au-nih-tu/
“louro”

(N3) [ha'liː, [?]nɔː're] ~ [ha'liː, nɔː're]
/halih nɔh-te/
“beber rápido”

A pré-oralização da nasal pode ser também resultado de processo fonológico em dois casos distintos. O primeiro caso se dá através do processo de dissimilação, motivado pela continuidade nasal em fronteira de morfemas – exemplos (L8) e (N4). O segundo, é resultado da aférese da primeira sílaba de radicais dissilábicos iniciados por consoante fricativa glotal, quando a nasal ocorre em posição de

onset da segunda sílaba do radical, conforme exemplo (L7). Este fenômeno é restrito ao Latundê, não tendo sido atestado nos dados do Negarotê.

Latundê:

(L7) [ʔmĩ:de] ~ [hã'mĩ:de]
/hamĩn-te/
“couro”

Negarotê:

(N4) [ʔmo:na,ru] ~ [ʔmo:ʔna,ru]
/mon-na-tu/
“árvore, tipo de.”

(L8) [ʔud,ʔna] ~ [ʔu:ʔna]
/un-na/
“está vivo”

No Latundê, a fricativa alveolar /s/ e a lateral /l/ podem, opcionalmente, realizar-se pré-oralizadas em início de palavra, em sílaba acentuada (L9) e (L10). No Negarotê, além da fricativa alveolar (N6)⁵, os glides podem aparecer também glotalizados em fronteira morfemas ou palavras (N5). Assim como ocorre com as nasais, não constatamos nesta língua a pré-glotalização em início de palavras isoladas, apenas em frases.

Latundê:

(L9) [ʔsi:,rãn]
/sih-tãn/
“está liso”

Negarotê:

(N5) [wa'nũ:,ʔwa^bm,hã] ~ [wa'nũ:,wa^bm,hã]
/wanũn-waun-hã/
“está tudo bem?”

(L10) [ʔlã:,re]
/lah-te/
“jacucaca”

(N6) [juk'li:,ʔʃidn,du] ~ [juk'li:,ʔʃidn,du]
/jutlih-sjn-tu/
“carne de piau”

5.2. Aspiração (glote espraçada)

A aspiração atinge apenas as consoantes fricativas, no Latundê, e as fricativas e plosivas, no Negarotê. A língua Mamaindê (Nambikwára do Norte) apresenta no seu inventário consonantal segmentos oclusivos aspirados com *status* fonológico (cf. tabela 2), o que não é verificado nas línguas Latundê e Negarotê, nas quais esses segmentos são interpretados como alofonias, conforme veremos adiante.

a) Realização aspirada

A plosiva alveolar surda aspirada, [t^h], tem realização atestada tanto no Latundê quanto no Negarotê, porém, o seu comportamento é distinto nas duas línguas. Na primeira, [t^h] é alofone da fricativa alveolar surda, /s/, que no contexto inicial de palavra ou em sílaba medial acentuada apresenta larga

5. Na língua Negarotê, a consoante fricativa alveolar /s/, quando realizada diante de vogal alta, /i/ ou /u/, pode ser palatalizada, realizando-se como fricativa palatal, [ʃ].

variação entre as articulações combinadas alvéolo-palato-glotal, sendo a mais frequente a palatal [ʃ]. Dentre as possíveis variações a aspirada, [tʰ], é resultado do fortalecimento da fricativa e é considerada marginal nesta língua, em razão de sua baixa ocorrência.

Latundê:

(L11) [tʰa'tʰaʔi'nãŋə] ~ [ʃa'ʃaʔi'nãŋə] ~ [ʃa'ʃaʔi'nãŋə]
/sasan-tãn-ta/
“estava mole”

(L12) ['tho: ,dã ,nə] ~ ['to: ,dã ,nə]
/so-'tãn-nə/
“é guarantã (espécie de árvore)”

Na língua Negarotê, [tʰ], é alofonia da consoante plosiva /t/ e realiza-se sempre em ambiente previsível: em posição de onset silábico, seguindo consoante surda em coda da sílaba anterior, incluindo a oclusiva glotal /ʔ/, e diante de vogal alta. Sua realização previsível e a ausência de contraste entre a forma aspirada e a forma plena, inclusive com variação recorrente entre as duas formas, corroboram para a interpretação de que este segmento não é fonológico na língua. Com realização menos frequente e tão previsível quanto a sua correspondente alveolar, a labial /p/ também pode, opcionalmente, realizar-se com aspiração, [pʰ].

Negarotê:

(N7) [ja'mã:ʔ,tʰu] ~ [ja'mã:ʔ,tʰu]
/jamã-tu/
“flauta sagrada”

(N8) [ka'lik,tʰu] ~ [ka'lik,tu] ~ [ka'li:,tu]
/kalis-tu/
“Banana”⁶

(N9) [pʰu:,tʰu]
/puh-tu/
“arco”

6. Em posição de coda silábica, as consoantes coronais da língua Negarotê, /t/, /n/ e /s/, são subespecificadas e recebem a influência das vogais que as antecedem, assimilando seus traços através do espriamento do nó vocálico a partir do núcleo para o nó consonantal. Dessa forma, na superfície, temos a realização de consoantes labiais e velares, além das coronais, embora elas não se confirmem como fonológicas. As evidências da ocorrência das coronais na subjacência são, em grande parte, provenientes do léxico e podem ser recuperadas no processo de derivação. Este é o caso da palavra “banana”, apresentada no exemplo (N8):

[ka'lik,tu]	/kalis-tu/	“banana”
[ka'lisna,ka:,tu]	/kalis-tə-kat-tu/	“pé de banana”

b) Fricativa glotal /h/

O comportamento da fricativa glotal em coda silábica é semelhante nas línguas Negarotê e Latundê. Nesta posição, ocorre como uma fricção muito fraca, quase imperceptível de oitiva, ou pode ser apagada. Em sílaba acentuada, a vogal nuclear que a precede é alongada, realizando-se, com frequência, como uma vogal longa seguida de uma leve aspiração. Ainda na posição de coda, a fricativa pode assimilar o traço supralaríngeo da consoante em onset da sílaba seguinte (exemplos 22 e 26) ou realizar-se como uma oclusiva glotal, preservando sua natureza laringal (exemplos 23, 24 e 26).

Latundê:

(L13) ['lo:^htã, nã]
/loh-tãn-nã/
“é onça”

(L14) [na 'kad 'nã:, na]
/nakah nãn-nã/
“ainda está chorando”

(L15) [we 'dɛ:, re] ~ [we 'dɛʔ, re]
/watɛh-te/
“tamanduá”⁷

Negarotê:

(N10) [ka 'li:^h, da:, ru] ~ [ka 'li:ʔ, da:, ru]
/kalih-dã-tu/
“pássaro, tipo de.”

(N11) [ha 'lo:, ru]
/haloh-tu/
“campo/aldeia”

(N12) [kat 'deⁿniru] ~ [katɛʔniru] ~ [katɛ^hniru]
/katdeh-nih-tu/
“mangaba”

5.3. Creaky voice

É comum às línguas Nambikwára do Norte o número extenso de vogais em razão do contraste entre vogais modais e não modais, que apresentam o traço *creaky voice*, além do traço nasal, que também é fonológico. Nas línguas Latundê e Negarotê, o status fonológico das vogais laringais é confirmado para oito das dezesseis vogais que formam o inventário dessas línguas, conforme mostrado na tabela 5.

7. A mudança da qualidade da vogal é resultado do processo de harmonia vocálica. Em Latundê, a harmonia vocálica ocorre regressivamente. Neste processo, a vogal nuclear em sílaba átona é elevada, assimilando o grau de abertura da vogal seguinte, necessariamente tônica e com grau de abertura mais alto. No mesmo contexto, pode ocorrer ainda assimilação total, na qual a vogal átona

Tabela 5. Oposição laringal entre as vogais Latundê e Negarotê

	Latundê	Negarotê
i : ĩ	[ki:re] “quati” [kĩ:de] “macaco noturno”	[wi:ru] “sapo cururu” [wĩ:ru] “dente”
ĩ : ã	[ha'mĩ:de] “cobra sp” [he'mĩ:de] “couro”	[mĩ:ni,ru] “pássaro (tipo de)” [mĩ:ni,ru] “pai”
e : ɛ	[e:'tã] “ele ralou” [ɛ:'tã] “ele acendeu o fogo”	[de:h,ru] “estrada” [ɛ:ru] “cobra”
a : ɶ	[waj,te] “amendoim” [waj,te] “açai”	[a ^d n,du] “tatu-galinha” [ɶn,du] “pequi”
ã : ẽ	[ã:'dã] “ele matou/caçou” [nã,de] “folha”	[jaj',nã:du] “lixa do campo” [naka'nã:du] “irmão”
o : ɔ	[do:'rã] “ele morreu” [ɔ:ru] “ele quis”	[lo:ru] “rato (tipo de)” [ɔ:ru] “tucumã”
u : ɯ	[kũ:'de] “timbó do campo” [kɯ:'de] “algodão”	[du ^d n,du] “flauta (tipo de)” [ɯ ^d n,du] “cotia”
ũ : ỹ	[ũn'dã] “ele dormiu” [ỹ:'da,na] “está longe”	[nũ:n,du] “bicho” [nãũ'dũn,du] “cotovelo (dele)”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, as línguas Nambikwára do Norte são fortemente marcadas pela presença do traço laringal, o que pode ser confirmado desde os estudos descritivos mais antigos de línguas da família, que atestam a existência de consoantes e vogais laringais na subjacência. Estudo mais recentes da língua Mamaindê (Eberhard, 2009), apesar de relatar a ocorrência de vogais laringais como distintivas, apresenta um número reduzido de consoantes com o traço laringal, o que pode sinalizar para um possível processo de perda deste traço.

O traço laringal não faz parte do conjunto de traços maiores das vogais (Ladefoged e Maddieson, 1996, p.298), além de ser um tipo de fonação mais limitado interlinguisticamente (Gordon e Ladefoged, 2001, p.387). Portanto, por serem sons menos frequentes e mais raros, mais marcados, são mais suscetíveis à mudança, uma vez que as línguas tendem a caminhar em direção à perda dos traços menos naturais.

Nas línguas Latundê e Negarotê, já não constatamos a presença de consoantes laringais fonológicas, porém, processos de glotalização e aspiração resultam na realização de alofonias laringalizadas. As vogais *creaky voice*, por sua vez, mantêm-se contrastivas e, de oitiva, são facilmente percebidas. Nessas vogais, o traço laringal, não raro, é espreado para outras vogais na adjacência, chegando a atingir palavras ou enunciados inteiros.

Quanto à realização destas vogais pelos membros da comunidade, observamos cenários distintos no Latundê e no Negarotê. Em ambas as línguas, o estilo de fala marcado pela laringalização é considerado como registro de prestígio nas comunidades. Apesar disso, a variação resultante da não realização da laringal entre vogais também é bastante frequente. Na língua Latundê, podemos afirmar que as vogais laringais, embora contrastivas, encontram-se em processo de mudança. As gerações nascidas pós-contato tendem a neutralizar este traço com frequência notadamente maior do que os falantes mais antigos.

No Latundê, os falantes mais jovens adquirem o traço laringal tardiamente. Durante as visitas realizadas entre os anos de 1997 e 2001, pôde-se observar que as crianças menores de 12 anos, expostas simultaneamente ao Latundê e ao Português, desenvolviam mais cedo as habilidades de fala da língua portuguesa, permanecendo como falantes passivos da língua tradicional durante toda a primeira infância. Apenas na adolescência – por volta dos 12 anos – é que os jovens começam a se comunicar em Latundê com os adultos da comunidade, entretanto, nesta fase ainda não são considerados por estes como falantes plenos da língua. Uma possível explicação para isso é a aquisição tardia dos traços fonológicos mais marcados, tais como a laringalização e o tom. Os traços menos naturais, assim como são os primeiros a se perder numa língua, também são adquiridos mais tardiamente.

No Negarotê, língua falada por uma comunidade maior (140 pessoas) e cuja estrutura social ainda favorece a manutenção e o crescimento do uso da língua ancestral, o fenômeno da perda do traço laringal se dá em menor escala, quando comparada à língua-irmã supracitada. Este fenômeno, no Negarotê, ocorre majoritariamente na fala espontânea dos indivíduos mais jovens que têm contato mais frequente com a língua portuguesa. Dessa forma, o traço laringal é percebido mais facilmente na fala dos mais antigos, dos monolíngues em Negarotê (a maioria mais velhos) ou daqueles que têm menor contato (e, por isso, menor proficiência) com o português. Este é o caso ainda de uma parte dos jovens Negarotê, que sai muito pouco da aldeia e tem contatos apenas esporádicos com a comunidade não índia. Entretanto, mesmo os falantes que apagam o traço laringal em fala espontânea, quando elicitados nas entrevistas, tendem a mantê-lo e até enfatizá-lo, demonstrando o seu caráter distintivo no léxico da língua.

Quanto à aquisição dos traços menos naturais pelas crianças, observamos que ela se dá também tardiamente, o que é compreendido pelos mais velhos, que explicam que a neutralização desses traços se dá porque se trata de “falantes novatos”, que, portanto, ainda não desenvolveram as habilidades linguísticas plenas. Entretanto, diferente do que ocorre no Latundê, as crianças Negarotê só se comunicam com os seus pares na língua ancestral, e embora sejam falantes passivas do português, se recusam a falar a língua mesmo com os não índios.

Os cenários observados nas línguas Latundê e Negarotê, à parte as especificidades de cada comunidade, são muito próximos ao encontrado na língua-irmã Mamaindê. De acordo com Eberhard (2009):

Although creaky voice is a contrastive feature of the traditional Mamaindê sound system, it is beginning to become less distinct in its articulation among the younger

generation. While the elderly Mamaindê speakers tend to emphasize the creaky voice feature in vowels, pronouncing it strongly and clearer, this distinction is often minimized in the speech of their children and grandchildren, [...] This is especially true when minimal pairs are not involved, or when context makes the possible choice of words clear. [...] This lessening of the degree and importance of creaky voice in Mamaindê is undoubtedly directly related to their increasing contact with Portuguese, which does not employ the feature.

Especificamente com relação ao comportamento do traço laringal nas línguas Nambikwára do Norte, constatamos que apesar da proximidade geográfica e histórica entre os grupos Negarotê e o Mamaindê, o primeiro se apresenta mais próximo fonologicamente à sua irmã mais distante – e mais isolada do ponto de vista geográfico – o Latundê, o que reforça a hipótese do deslocamento prematuro desse grupo de suas terras tradicionais e nos dá pistas para compreensão mais ampla das relações de parentesco genético entre estas línguas.

REFERÊNCIAS

Braga, A. G. M. (2012). *Fonologia segmental do Lakondê (Família Nambikwára)*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco.

Eberhard D. (2009). *Mamaindê Grammar: a Northern Nambikwára Language and its cultural context*. Tese (Doutorado em Linguística) – Vrije Universiteit, Amsterdã.

Gordon, M.; Ladefoged, P. (2001) Phonation types: a cross-linguistic overview. *Journal of Phonetics*, v.29, n.4, p.383-406.

Kingston, P. (1976). Sufixos referenciais e o elemento nominal na língua Mamaindê. *Série Linguística*, 5. Brasília: Summer Institute of Linguistics. Disponível em: <<http://www.sil.org.br/americas/brasil/publcns/ling/MDSufx.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

Kroeker, M. (2001). A descriptive grammar of Nambikwára. *International Journal of American Linguistics*. v.67. n.1. p.1-87.

Ladefoged, P.; Maddieson, I. (1996). *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell.

Ladefoged, P. (2003). *Preserving sounds of disappearing languages*. Disponível em: <<http://www.linguistics.ucla.edu/people/ladefoged/Preserving%20sounds.pdf>>.

Telles, S. (2002). *Fonologia e gramática Latundê/Lakondê*. Tese (Doutorado em Linguística) – Vrije Universiteit, Amsterdã.

Telles, S. (2013). Traços laringais em Latundê. (Nambikwára do Norte). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. *Ciências Humanas*. v.8. n.2. p.291-306.